

IDOSOS EM REDE: NOVAS PRÁTICAS CULTURAIS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS

Karoline Leite Guedes de Oliveira (UFRGS/Capes)
Liliana Maria Passerino (UFRGS/Capes)

RESUMO

A presente pesquisa possui o intuito de analisar a estruturação e organização dos processos de inclusão digital para que haja a apropriação de novas práticas culturais mediadas por tecnologias em rede com idosos. Partindo deste enfoque, buscou-se analisar as mudanças que se evidenciam nas práticas culturais destes sujeitos quando mediadas pela tecnologia, bem como analisar os processos de construção de intersubjetividade. A metodologia utilizada foi a netnografia do tipo Blended, que envolve a etnografia e a netnografia. Para a realização deste estudo, o público alvo são dois idosos que apresentam o interesse em apropriar-se das novas práticas culturais através do uso da tecnologia. O estudo se desenvolveu em dois anos e possibilitou a coleta de dados a partir da observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas, questionários com questões abertas e fechadas e registros on-line dentro da comunidade. Por meio destes instrumentos, constatou-se que os letramentos mobilizados por alguns dos sujeitos participantes encontravam-se em níveis diferenciados e em contínuo desenvolvimento. Quanto aos processos intersubjetivos partiu-se das análises dos laços e dos capitais sociais. Por meio destes, identificou-se que os laços sociais fortes foram uma característica do grupo e a partir destes foram construídos os capitais sociais. Ainda com este enfoque, analisaram-se os papéis dos sujeitos e suas modificações que ocorreram de modo processual. Concluiu-se, também, que a aprendizagem centrada em encontros sistemáticos e planejados que envolveram os idosos foi compartilhada e fundamentada em histórias de vida que visam uma melhor qualidade de vida com o uso do computador.

PALAVRAS-CHAVE: Novas Práticas, Envelhecimento, Inclusão digital.

ABSTRACT

This research has the aim of analyzing the structure and organization of digital inclusion processes so there is the appropriation of new cultural practices mediated technologies networked with seniors. Based on this approach, it sought to analyze the changes that are evident in the cultural practices of these guys when mediated by technology, as well as analyze the inter-building processes. The methodology used was netnography Blended kind, involving ethnography and netnography. For this study, the target audience are two seniors who have an interest in appropriating the new cultural practices through the use of technology. The study was developed in two years and enabled the collection of data from the participant observation, field diary,

semi-structured interviews, questionnaires with open and closed questions and online records within the community. Through these instruments, it was found that the literacies deployed by some of the participating subjects were at different levels and in continuous development. As for the inter-subjective process broke up the analysis of ties and social capital. Through these, it identified that strong social ties were a feature of the group and from these social capital were built. Even with this approach, we analyzed the roles of individuals and their modifications that occurred procedural mode. It was concluded also that learning focused on systematic and planned meetings involving the elderly was shared and based on life stories to bring about better quality of life with the use of computers.

KEYWORDS: New Practices, Aging, digital inclusion.

0. Introdução

Atualmente, observa-se um crescimento acentuado quanto à apropriação e utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano dos sujeitos. Desse modo, os novos formatos de interação e comunicação incorporam-se aos espectros de conhecimento dos diferentes tipos de sujeitos e de segmentos sociais, de modo heterogêneo e descontínuo, modificando as maneiras de interação.

No caso específico dos idosos¹, como mencionam Kachar (2003) e Peixoto e Clavairolle (2005), estes sujeitos adentram no espaço virtual devido a duas questões: a) pressão individual em querer se sentir mais próximos dos familiares distantes e das gerações mais novas, como os netos e b) pressão social em querer fazer parte do universo virtual, das redes sociais e da internet.

Em função do aumento significativo da população idosa do mundo, o idoso tem buscado outras formas de envelhecer com qualidade de vida. Este aumento também pode ser observado e constatado no Brasil. Segundo os dados da Síntese de Indicadores

¹ Segundo a Lei nº 10.741, 01.10.2003 (BRASIL, 2015) o idoso é o sujeito que possui 60 anos ou mais. E esta Lei garante direitos efetivos a esta população como dignidade, respeito, direito a saúde, educação e cultura, dentre outros. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o envelhecimento é dividido em quatro estágios, sendo estes: meia idade, idoso, ancião e velhice extrema. Para a OMS o idoso é o sujeito que se encontra na faixa etária entre 60 e 74 anos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013). A velhice é a última fase do ciclo vital e é declinada por eventos de natureza múltiplas, incluindo perdas psicomotoras, afastamento social, restrições de papéis e especialização cognitiva (NERI, 2008). A faixa etária, quando se refere às capacidades de manutenção e aperfeiçoamento que dependem das influências culturais podendo conservar-se e especializar-se se manifestando em diversos domínios: profissional, lazer e o manejo de questões existenciais (NERI, 2008).

Sociais (SIS) (IBGE, 2015) e os dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PNAD), informam que o aumento desta população aumentou, passando de 9,7% em 2004 para 13,7% em 2014.

Para Neri (2008) e IBGE (2015), esse aumento ocorre especificamente em função da diminuição da taxa de natalidade e o aumento contínuo da expectativa de vida a partir das últimas décadas no Brasil. Além desses fatores, Baltés e Smith (2006) ressaltam uma série de questões que envolvem a qualidade de vida dos idosos, entre elas, os avanços da medicina e as boas condições econômicas e educacionais.

Diante dessas melhorias, o idoso possui mais condições de buscar satisfazer suas necessidades diárias da vida cotidiana visando um envelhecimento pautado na qualidade de vida. Com esse enfoque, parte-se para uma relação social ativa do idoso, sendo esta relacionada à aprendizagem de novas práticas culturais mediadas pelas tecnologias ou não.

Entende-se que os sujeitos não irão despojar seus grupos sociais de origem para incorporar outros, quando se constituir letrados (GOULART, 2005 apud COSCARELLI; RIBEIRO, 2005). Isto porque se compreende que as várias formas de viver, interagir e interpretar o mundo possam e devam coexistir, a fim de que novas formas de intersubjetividades aflorem cotidianamente, propiciando novas formas de viver. No caso específico desta pesquisa, a análise da apropriação das novas práticas culturais associadas às TIC entre idosos favorece o processo de Inclusão Digital (ID).

Segundo Warschauer (2006), a ID deve ser compreendida como um conjunto de ações políticas, econômicas, sociais e educacionais que visam à democratização de acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), de forma a permitir a inserção dos sujeitos na Sociedade da Informação.

Desse modo, as novas práticas culturais, notadamente o letramento, são compreendidas a partir da noção de hábito como sendo um conjunto de ações que se repetem com frequência, dentro de uma rotina, com significado compartilhado na vida dos envolvidos. (BERGER E LUCKMANN, 2011).

Para Soares (2003), o letramento é uma prática cultural que envolve a produção de sentidos e significados em processo de leitura e escrita no mundo. Sendo que as práticas supramencionadas vêm sofrendo variações em relação ao tempo e à cultura e ainda observam-se variações dentro da mesma cultura. Assim, justifica-se a existência de práticas diferenciadas em contextos também diversos (ROJO, 2009).

O letramento digital, que envolve o computador e a internet, além do uso de *smarthphones* e *tablets*, constitui-se como novas práticas culturais. Para Kleiman (1995), o letramento é um conjunto de práticas sociais que fazem do uso da escrita um sistema simbólico e da tecnologia um artefato social. Assim, o letramento digital constitui-se como uma nova prática cultural na qual o sujeito apropria-se da tecnologia e da prática de ler e escrever por meio da tela (FRADE, 2005).

Para tanto, é necessário interagir como um colaborador, por meio de discussões e práticas vividas, pois, somente com esta postura, novas habilidades são desenvolvidas e expandidas, bem como novos saberes e posturas serão construídos em rede. Desse modo, Coscarelli (2005) afirma que podemos e devemos usar o computador como meio de comunicação, como fonte de informação para ser, de fato, benéfica como tal.

Ao falar em linguagem, Vygotsky (1998) caracteriza-a como sendo um conjunto de símbolos e de normas pelos quais os interlocutores partilham mensagens significativas entre si, dentro de um mesmo contexto social. Para Passerino (2005, p.19), “a linguagem é um mecanismo de construção de contextos sociais”, ou seja, a linguagem é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado e situado, que reflete como a sociedade se organiza. É nesse emaranhado de relações que se compreende a matriz sócio-histórica como sendo o pano de fundo para a formação dialética dos sujeitos (AMORIM et al., 2004).

Nesse sentido, Warschauer (2006) denomina o termo letramento eletrônico para explicar as práticas que são mediadas por tecnologias da informação e comunicação. As práticas do letramento eletrônico são expressões amplas que estão associadas a outros tipos de letramento genéricos da era das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) provenientes tanto da tecnologia como do cenário social que inclui os letramentos

a) por via do computador; b) informacional; c) multimídia; d) comunicacional mediado por computador.

É necessário pontuar, ainda, sobre os letramentos que não dizem respeito meramente às habilidades cognitivas. Segundo Warschauer (2006), as práticas de letramento estão associadas ao sujeito que possui domínio dos processos nos quais as informações culturais significativas estão codificadas através de uma comunidade de prática. Nesse sentido, o letramento associado à utilização das tecnologias pode ser compreendido, como a “[...] ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)” (FRADE, 2009, p. 9).

Rojo (2009) complementa, afirmando que, quanto mais alto for o nível de letramento da pessoa, mais poder (*empowerment*) ela terá na vida social. No caso dos idosos, esse letramento pode ser observado quando se encontram envolvidos em novos processos de mediação tecnológica, como é o caso das comunidades de prática (CP) e das comunidades virtuais (CV). Observa-se que os diferentes sujeitos se organizam através dessas práticas a fim de manter-se interligados.

Neste partilhar, a formação da identidade é construída na Comunidade de Práticas (CP) e Comunidade Virtuais (CV). Segundo Wenger (1998) e Warschauer (2006), CP são redes de pessoas que se encontram em atividades similares, aprendendo umas com as outras, e que constroem o conhecimento, enquanto que as comunidades virtuais são agrupamentos de pessoas que, com fins específicos, utilizam TIC (especialmente a internet) como meio de promover as trocas constituídas nas redes sociais. Essas interações no meio virtual foram denominadas por Rheingold (1995) de comunidade virtual (CV), que se caracteriza por agregações sociais que emergem na internet por um determinado tempo, com suficiente emoção, e que forma teias de relações pessoais nas redes sociais.

As redes sociais configuram-se como meio onde as CV encontram-se inseridas. Estas constituem o espaço social no qual novas práticas culturais emergem, e que Warschauer (2006) denomina de letramento eletrônico, anteriormente mencionado.

Nesse espaço, a construção de identidades apresenta-se mais complexa, pois possibilita o surgimento de expressões diferenciadas de identidade, configurando múltiplos “eus”, construídos nas interações e conexões das redes, os quais podem ser percebido pelos “outros” no jogo da identidade. Desta forma, as interações permeadas por esta configuração envolvem os atores numa rede de relacionamentos que se atualiza a cada interação, a cada movimento da rede.

Sobre os capitais sociais, Bertolini e Bravo (2004) propõem a seguinte classificação: a) relacional; b) cognitivo; c) normativo e d) confiança no ambiente social. Estes serão abordados no item resultados e discussões.

A disseminação da internet tem ampliado e promovido capital social em certos grupos em rede, uma vez que possibilitou uma maior vivência em ambientes interativos assim como a construção de laços, de acordo com Warschauer (2006). Neste contexto, os laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, informações, conflitos ou suporte emocional. A interconexão de laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações – a estrutura da rede social - organizam os sistemas de trocas, controles, dependência, cooperação e conflito (WELLMAN, 2001, p. 7).

Para Granovetter (1983, 1973 apud RECUERO, 2009, p. 41), os laços sociais podem ser fortes ou fracos, e relacionam-se com o grau de intimidade, confiança mútua e serviços mútuos. Desta forma, os laços fortes caracterizam-se pela forte intimidade e proximidade entre os atores, enquanto que os fracos são frutos das relações esparsas, sem intimidade e aproximação.

Partindo do exposto, a presente pesquisa se propõe a analisar a forma para estruturar e organizar processos de ID para a apropriação de novas práticas culturais mediadas por tecnologias em rede com idosos e, a partir disto, analisar os processos de construção da intersubjetividade dos idosos em rede.

1. Metodologia

Esta pesquisa estruturou-se na netnografia do tipo blended (KOZINETS, 2010), ou seja, refere-se à utilização da etnografia e da netnografia de forma complementar. A etnografia é estudo que busca compreender como as pessoas interpretam o mundo que as rodeia ou como organizam suas vidas (LÜDKE e ANDRÉ, 2012), enquanto que a netnografia é um tipo de etnografia adaptada para acompanhar as relações mediadas por computador (KOZINETS, 2010).

Sobre a estruturação deste estudo, organizou-se em de dois ambientes: o virtual (as redes sociais, a comunidade do *Orkut* e o grupo no *Facebook*) e os encontros presenciais. Estes foram realizados, ao longo de dois anos, inicialmente semanalmente e depois quinzenalmente, no laboratório do Centro Interdisciplinar de novas Tecnologias na Educação (CINTED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Nesse espaço, cada idoso tinha seu computador e um *datashow* disponibilizado para a mediação dos encontros. No início, os idosos eram acolhidos com apreço. Em seguida, nos organizávamos em uma mesa redonda onde interagíamos, pontuávamos os informes, debatíamos sobre a pauta dos encontros, conversávamos e realizávamos as dinâmicas e somente após este ritual, o início dos encontros.

O perfil dos dois colaboradores era o seguinte: sujeito A - Sexo masculino, classe média, casado, 68 anos, estudou até a oitava série, vive com a esposa e uma filha e não utiliza o computador diariamente, apenas esporadicamente; sujeito Z - Sexo feminino, classe média, casada, 65 anos, concluiu o ensino médio, vive com o esposo e navega diariamente na internet.

Como forma de coleta de dados, foram utilizadas: as entrevistas semiestruturadas, os questionários com perguntas abertas e fechadas, o diário de campo e as observações dos participantes. As entrevistas foram de natureza semiestruturada e partiram da combinação entre perguntas abertas e fechadas, em que o informante possui a possibilidade de dissertar sobre o assunto solicitado. Nesse ínterim, o ambiente das entrevistas assemelhou-se a uma conversa informal (FLICK, 2004).

2. Resultados e discussões

De acordo com a entrevista inicial e o questionário, constatou-se que o sujeito A utilizava o computador apenas em sua residência, ocasionalmente navegava na internet e enviava e-mail aos seus contatos. Quanto à sociabilidade na rede, não interagiu com nenhum amigo, a sua forma de manter interação era o contato face a face, o telefone e a carta.

Observou-se que o sujeito A não possuía habilidades necessárias para a utilização básica do computador. Em função desse contexto, compreende-se que a falta de familiaridade quanto ao uso operacional do computador, da internet e da utilização da rede social *Orkut* pode ter interferido na ausência de interações deste sujeito neste período².

Quadro 1: Recorte da entrevista inicial - Sujeito A - Dezembro 2010

[...] Eu sou um cego, burro e mudo. Então você tem que fazer para eu ver. Em outras palavras, eu tenho que aprender decorando. Eu não aprendo com raciocínio vis. Oh, por exemplo, eu tenho dificuldade em desenho. Entendeu como é que é? Tem gente que vê o desenho e pronto, já sabe como fazer [...].

Fonte: informações coletadas com os participantes da pesquisa.

Para Kachar (2003), o idoso convive de forma conflituosa com as rápidas mudanças e avanços tecnológicos e, por isso, tem dificuldades em compreender a nova linguagem proveniente do meio digital e por isso sente-se, muitas vezes, com baixa autoestima. (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005).

Sobre a identidade social deteriorada, são destruídos os atributos e qualidades do sujeito. Neste campo, a sociedade se impõe atuando com rejeição e fazendo com que o sujeito não sinta confiança em si. Agindo deste modo, a sociedade reforça o caráter simbólico da representação social com a qual os sujeitos assumem uma postura ou papel que afeta o processo de interação reafirmando a lógica da exclusão (GOFFMAN, 1988).

² Vale ressaltar que o sujeito A sofreu um AVC e apresenta dificuldades motoras e de linguagem.

Observa-se um indício de mudança de conduta do sujeito A quanto à prática na comunidade, mesmo diante do conflito em aprender neste novo formato de interação virtual. Kachar (2003) afirma que é comum este conflito diante das tecnologias, onde o sujeito mostra-se inseguro, pois é da geração pré-ícone. Apesar disto, observa-se que, ao final de 2010, o e-mail foi a prática preferida e adotada pelo sujeito A, constituindo-se assim, como uma nova Prática Cultural mediada por Tecnologia. Os primeiros e-mails foram enviados para a pesquisadora, demonstrando confiança e laço social (GRANOVETER, 1973, 1983).

As primeiras interações do sujeito A foram evidenciadas no fórum da comunidade 3idade no *Orkut*, a partir de junho de 2011 (Quadro 2). Essa mudança de perfil ocorre a partir da estratégia adotada pela pesquisadora, que buscou instigar o grupo para participar de forma mais efetiva dos fóruns. No encontro presencial, a pesquisadora incentiva a criação do tópico “Glossário”, para que os participantes sanassem suas dúvidas quanto aos significados das palavras utilizadas na internet, tendo como apoio o *GOOGLE*. Em seguida, o sujeito A passou a participar e trazer suas contribuições ao fórum 3idade.

Quadro 2: Recorte de fórum do *Orkut* - Sujeito A - Junho/2011

Sujeito A - 02/06/2011 - *off line* desligado, desconectado, situação onde o computador não está conectado a outro computador ou ao provedor de acesso a Internet

Fonte: *Orkut* (2011).

A evidência acima do sujeito A realizou-se no encontro presencial e foi postada no fórum da 3idade do *Orkut*. A pesquisadora observa e percebe, por meio dos registros de diário de campo, que o sujeito A realiza a proposta de atividade com muitas dificuldades. Sobre os letramentos (WARSCHAUER, 2006), o sujeito A, para realizar a pesquisa, busca fontes consideradas confiáveis. Verifica-se, a partir dessa evidencia, a habilidade referente ao LI. Para ligar o computador, copiar e colar a informação no local específico, percebe-se o LC. E, por fim, para interagir e postar sua contribuição na comunidade, observa-se o LMC. Apesar da dificuldade encontrada, o sujeito demonstra ter alcançado a realização da atividade proposta para aquele dia.

Em 2011, observa-se no diário de campo que os participantes da pesquisa comentavam sobre a rede social *Facebook*. Eles nos solicitaram para que se formasse um grupo, também, nessa rede social. Neste processo de migração, o sujeito A aceita o convite e verifica-se que sua participação inicia-se com mais envolvimento e interesse por que o mesmo passa a interagir por meio de comentários e compartilhamentos. Sobre o letramento como prática, Warschauer (2006) nos traz a concepção das habilidades típicas do LMC.

Neste instante, compreende-se que o sujeito A construiu um hábito diante das TIC. Neste artigo, a prática cultural é compreendida a partir da noção de hábito em Berger e Luckmann (2011). Para os autores, entende-se por hábito as ações que são repetidas com frequência e que podem ser reproduzidas. Eles afirmam que estas ações habituais possuem significado na vida dos sujeitos e são compreendidas dentro de uma rotina.

Ao final da pesquisa, percebe-se que o sujeito A amadureceu e passou a ser mais analítico. Este passa em torno de meia hora utilizando o computador, preferindo o bate papo e na rede social *facebook*, fez 13 novos amigos no ano de 2012. De acordo com a entrevista final, ainda prefere o telefone e o e-mail. Aprendeu a valorizar o trabalho em conjunto. Esta ocorrência remete a Wenger (1998) sobre comunidade e aprendizagem.

De acordo com o questionário e a entrevista individual inicial em 2010, o sujeito Z utilizava o computador todos os dias em sua residência, tendo como atividade principal navegar na internet. Desta forma, observa-se a noção de hábito que Berger e Luckmann (2011) apresentam. Quanto à sociabilidade, ele não interagia na rede, sua prática preferida era o contato face a face. Em se tratando do uso da tecnologia, percebe-se que seu letramento inicial é do tipo LC e LI (WARSCHAUER, 2006).

Detentor de um grande carisma e interesse em aprender, o sujeito Z exerceu grande influência no grupo, em função da habilidade quanto na utilização do computador e da internet. Contudo, mesmo demonstrando toda esta habilidade na área da informática, o sujeito Z afirma em entrevista realizada no final de 2010 (Quadro 3) que sente dificuldade quanto ao uso operacional da ferramenta, mas era ciente do valor

que a tecnologia possui em sua vida, principalmente, após a participação em nosso grupo de pesquisa.

Quadro 3: Recorte da entrevista inicial - Sujeito Z - Dezembro/2010

[...] foi valiosa, por infelicidade, só agora eu tive a oportunidade de poder entrar ne, nessa magia ne, que eu acho que é, é uma magia, não é? Porque antes eu tinha muita dificuldade, principalmente para a leitura, e agora, no caso este da informática, ta me sendo muito util, porque eu gosto muito de, assim, de textos, reunir textos, não é? e agora eu estou conseguindo, ainda não consegui, mas vou conseguir, para poder arquivar meus textos, ai la em casa era uma infinidade de papel jornal, era a briga la em casa era para eliminar aquele, aquele lixo, eles diziam que aquilo era um lixo. Porque eu guardava, eu dizia, amanhã eu vou fazer, amanhã. digo, hoje eu vou fazer, amanhã eu vou fazer, e não fazia, e acabava empilhando. e agora não. Agora eu recorto as coisas que me interessam, e muitas coisas eu estou adquirindo aqui pelo computador. (risos) [...]

Fonte: informações coletadas com os participantes da pesquisa.

Nesta interação (Quadro 3), também se evidencia a construção de um novo hábito através dos artefatos tecnológicos, pois o sujeito Z menciona que, em sua residência, seus familiares insistem que ele organize seus textos, o que ele está aprendendo a fazer. Essa rotina foi caracterizada como sendo um hábito (BERGER; LUCKMANN, 2011). Sobre a pressão, é mencionada por Peixoto e Clavairolle (2005) quando abordam sobre a busca pela utilização das novas tecnologias, ocorrer por interesse próprio ou por pressão social. Sobre as dificuldades, remete-se a Kachar (2003) quando afirma que o uso das tecnologias estarem associadas à ansiedade e ao medo de errar, incomodar os outros com sua lentidão.

Em 2010 e 2011, através do questionário e da entrevista individual, observou-se que o sujeito Z tinha como prática preferida o e-mail voltado apenas para os pesquisadores e postagem na comunidade 3idade do *Orkut*. Já no final da pesquisa, após a realização da entrevista, constatou-se que a participação do sujeito Z no *facebook* ainda era tímida, pois sua primeira participação iniciou-se após um mês após o grupo ter criado o grupo 3idade. O laço social forte se constrói a partir de uma ou várias relações específicas, como por exemplo, a proximidade (GRANOVETTER, 1973, 1983).

Além disso, nessa interação, verifica-se o LMC (WARSCHAUER, 2006). O sujeito Z adota como prática preferida a interação via rede social *Facebook*, isto por que suas interações de “curtir”, “compartilhar” e “comentar” são uma constante e diária no

grupo. Tais interações envolveram postagens de áreas: música (samba), religião, reflexões sobre a vida e amizade, dicas de saúde, reviver momentos históricos, viagens e grupos de dança.

No final da pesquisa, o sujeito Z passou a ter participação ativa e de forte influência no grupo no *Facebook*. Quanto à prática do e-mail, esta foi pouco utilizada no período da pesquisa. Contudo, o bate-papo foi utilizado com frequência na comunidade. Pode afirmar que o sujeito Z entrou no grupo com indícios de formação de hábito e finalizou o estudo com o hábito construído diante das tecnologias.

Partindo do exposto, pode concluir que os sujeitos A e Z encontravam-se em situações diferenciadas quando o assunto é a construção da habilidade referente à prática do letramento.

Analisando os papéis, o sujeito A apresentou dificuldades significativas, ao longo destes dois anos de participação no grupo de pesquisa, principalmente, no que se refere ao processo de apropriação das habilidades propostas por Warschauer (2006). Contudo, mesmo diante das dificuldades, o sujeito A, por meio de situações-problemas vivenciadas nas interações presenciais e virtuais, interagiu na rede de forma colaborativa e construiu as habilidades referentes ao letramento. Essas situações, caracterizadas como sendo desafiadoras, foram consideradas essenciais para a construção processual dos letramentos por este sujeito. Quanto ao sujeito Z, ele também apresenta dificuldades de apropriação. Porém, não foram tão significativas, quanto as do sujeito A, pois o sujeito Z inicia no grupo com noções básicas de informática, que facilitaram a construção das demais habilidades evidenciadas por Warschauer (2006). Sendo assim, verifica-se que ambos os sujeitos encontram-se em plena aquisição de habilidade referente aos letramentos. Na organização dos dados, são apresentados os registros que emergiram na relação com os pesquisadores e o com o grupo. Dessa forma, analisaremos como categorias os laços e capitais sociais e os papéis.

Sobre os laços e os capitais, no início, metade de outubro de 2010, a aproximação dos desconhecidos entre si e com os pesquisadores foram os laços fracos preponderantes, e o capital social que predominante é o cognitivo (Quadro 4).

Quadro 4: Recorte do *Facebook* – Novembro/2011

[...] Sujeito Z com certeza, com o carinho dos colegas, me sinto bem melhor. bjs 17 de Outubro de 2011 às 17:46 [...]

Fonte: *Facebook* (2011).

Desse modo, expressar emoções, dificuldades e situações típicas do cotidiano foram ações realizadas de modo intenso no *Orkut* e no *Facebook*. Essas são consideradas fundamentais para o bom andamento das atividades dos partícipes. Nas interações (Quadro 4), é evidenciado o laço social forte entre os sujeitos (GRANOVETTER, 1983, 1973). O capital construído é denominado relacional que se refere às relações que são estabelecidas através das trocas entre os indivíduos (BERTOLINI; BRAVO, 2004).

O Sujeito Z demonstra intimidade, além de sentir confiança no ambiente (Quadro 5) para mencionar a sua amizade com os partícipes do grupo. Também foi observada a presença do capital normativo, que é denominado a partir de um conjunto de normas de comportamento de um determinado grupo e valores pertencentes ao mesmo. (BERTOLINI; BRAVO, 2004).

Quadro 5 Recorte do *Orkut* – Novembro/2011

Sujeito Z- 11/11/2011 Hoje tive certeza de que sou abençoada, tenho a admiração de varias pessoas, assim como admiro varias delas também... E são estas pessoas que não posso e não devo decepcionar...HOJE VEM A PUBLICO AFIRMAR QUE TENHO MUITO MAIS A AGRADECER DO QUE PEDIR! Obrigada pela amizade de todos vocês, é muito bom ter amigos... nenhum "Gostei"

Fonte: *Orkut* (2011).

Partindo do exposto, verifica-se (Quadro 5) que, para ambos os sujeitos analisados, A e Z, a intersubjetividade perpassa pela linguagem, a partir de novos papéis, que são oriundos das evidências presentes na formação dos laços sociais e por meio destes a construção dos capitais sociais. Como bem afirmam Berger e Luckmann (2011) sobre a identidade e intersubjetividade, aprender um papel não se resume a adquirir rotinas necessárias ao papel externo, mas é imprescindível que as ações habituais perpassem pelas camadas cognitivas e as afetivas para que se construa o novo papel.

Considerações finais

Neste estudo, constatou-se a necessidade de se estruturar uma prática educativa onde se valorizassem os cursos de longa duração em detrimento das oficinas de rápida formação que influenciam na qualidade de vida dos idosos. O nosso curso teve duração de dois anos e, nesse período, foram respeitadas as características biopsicossociais e o ritmo de aprendizagem dos idosos. Primou-se também pela paciência, confiança e a aprendizagem colaborativa fundamentada em conteúdos do interesse deste público. Com este enfoque, acompanhou-se as mudanças e a construção de novas práticas culturais dos idosos.

Ao analisar as mudanças que se evidenciam nas práticas culturais desses sujeitos, quando mediadas pela tecnologia, baseou-se na proposta de análise que se fundamentou nos letramentos estudados por Warschauer (2006). Escolheram-se dois sujeitos A e Z (assim referenciados ao longo das análises), com perfis distintos: o sujeito A entrou em nosso grupo de pesquisa com imagem deteriorada e em um nível de entendimento do uso das tecnologias bem baixo, pois ele não conseguia sequer ligar o computador sem ajuda. A cada novo encontro, observou-se que sua conduta modificava-se gradativamente. Percebemos que o sujeito apropriou-se de modo moderado do Letramento via Computador (LC), aprendeu a ligar e desligar o equipamento, mas não aprendeu a criar e salvar pastas. Observou-se que o Letramento Informacional (LI) ainda é vivenciado de forma moderada, uma vez que o sujeito passou a ter mais habilidade crítica para realizar suas pesquisas, por meio de boas perguntas na rede. O Letramento Comunicacional mediado por computador (LMC) foi utilizado com frequência através do e-mail e nas interações no grupo na rede. Contudo, ainda foi de ordem moderada, pois o sujeito A apresentou certa dificuldade em utilizar a interação na rede social utilizada (*Facebook*). O Letramento Multimídia (LM) foi caracterizado como de ordem limitada, pois o sujeito apenas enviou um e-mail. Quanto ao Letramento Eletrônico (LE) constatou-se que se encontra no nível limitado, pois o sujeito apresenta-se com baixo nível de criticidade, o que foi observado por meio de sua conduta na rede. Essa categoria encontra-se associada às habilidades linguísticas e atitudes

desempenhadas na rede (WARSCHAUER, 2006). Ao finalizar a pesquisa e analisando o percurso deste sujeito ao longo do período, constata-se que o sujeito A melhorou a sua autoestima e participação.

Trazemos os letramentos construídos pelo sujeito Z. Este entrou com noções básicas de informática e, ao longo da pesquisa, evidenciamos um avanço ainda maior nas apropriações dos letramentos. No início, o sujeito Z possuía o Letramento Via Computador (LC) em nível elevado: ligava o computador, salvava arquivos e criava pastas. O Letramento Comunicacional Mediado por Computador (LMC) passou, então, a ser o mais utilizando. O sujeito Z, com frequência, participa do grupo, apresentava o perfil de uma conduta polida na rede, evidenciando, assim, o Letramento Comunicacional Mediado por Computador (LMC) em nível elevado. O Letramento multimídia (LM), que é caracterizado pela combinação de textos, vídeos e áudio, foi uma habilidade construída pelo sujeito Z. Esta prática foi intensificando-se e chegando ao nível elevado. Considera-se, nas evidências, contribuições significativas deste sujeito utilizando este formato. O Letramento Informacional (LI) passou para o nível elevado, pois o sujeito Z realizava suas pesquisas, que eram consideradas significativas perante o grupo. O Letramento Eletrônico (LE) encontrava-se em nível moderado, pois o sujeito Z construiu habilidade linguística e boa conduta na rede. Ao final da pesquisa, constatou-se que o sujeito Z encontrou-se com os letramentos em construção, buscando sempre o aprendizado e o aprimoramento de seus conhecimentos.

No que diz respeito aos processos de construção de intersubjetividade, os laços no início da pesquisa foram caracterizados como fracos. Contudo, logo em seguida, foram caracterizados pelas relações esparsas e passaram a se constituir como sendo fortes, demonstrando intimidade e proximidade.

Sobre os capitais sociais, foram evidenciados o relacional, que se caracterizou pelas inúmeras somas e trocas compartilhadas entre os idosos em rede; o cognitivo, caracterizado pelas dúvidas e dificuldades que extrapolaram o ambiente virtual; o normativo, que se caracterizou pelo cumprimento das normas de conduta, além do respeito aos valores do grupo e a confiança no ambiente social. Observou-se que, no

grupo, os idosos compartilhavam um sentimento de gratidão pela amizade e sensibilizaram-se com as colocações uns dos outros. Este comportamento evidenciou a presença deste capital, que se caracterizou pela confiança no ambiente e no desejo de cooperação, a fim de amenizar as incertezas. Por último, identificou-se o capital institucional, verificando-se que os idosos buscavam compartilhar suas pesquisas a fim de colaborar com o grupo.

Acerca dos papéis construídos especificadamente pelos sujeitos A e Z, observou-se que, no final da pesquisa, eles apresentavam autoestima valorizada e observou-se aumento na participação no ambiente virtual e presencial.

Referências bibliográficas

3IDADE (comunidade). In: **ORKUT** (rede social on-line). [S.l.:s.n.], 2011. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

3IDADE (grupo). In: **FACEBOOK** (rede social on-line). [S.l.:s.n.], 2011. Disponível em: <<http://www.facebook.com>>. Acesso em: 18 out. 2011.

AMORIM, K. S. et al. (Org). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BALTES, P. B.; SMITH, J. **Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade**. A Terceira Idade, São Paulo, v. 17, n. 36, p. 7-31, jun. 2006.

BRASIL, **Estatuto do Idoso**: Lei Federal n 10.741 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2014. Disponível em <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98301/estatuto-do-idoso-lei-10741-03>> Acesso em 05.dez 2015

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BERTOLINI, S.; BRAVO, G. **Social capital, a multidimensional concept**. [S. l], 2004. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20030318075349/http://www.ex.ac.uk/shipss/politics/research/socialcapital/other/bertolini.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

CASTELL, M. **A Sociedade em Rede**. 11. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008. v.1.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Org). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRADE, I. C. A. S. **Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita**. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2009.

GOFFMAN, E. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties: network theory revisited**. *Sociological Theory*, [s. l.], v. 1. p. 201- 233, 1983.

GOULART, C. **Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica** In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Org). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005.

HINE, C. **Virtual methods and the sociology of cyber-social-scientific knowledge**. In: HINE, C. (Ed.). *Virtual methods: issues in social research on the internet*. Oxford: Berg, 2005. p. 1-13.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2015. (Estudos e Pesquisas, n. 9). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em 5 dez. 2015.

KACHAR, V. **Terceira idade: aprendendo revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, A. B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: _____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KOZINETS, R. V. **Netnography: doing ethnographic research on-line**. Londres: Sage, 2010.

LEVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LUDCKE, M. André, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora pedagógica e universitária 2012.

NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

PASSERINO, L. **Pessoas com autismo em ambientes digitais de aprendizagem digitais**: estudo de processos de interação social e mediação. 2005.305 Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PASSERINO, L. M.; PASQUALOTTI, P. R. **A inclusão digital como prática social**: uma visão sócia histórica da apropriação tecnológica em idosos. In: PORTELLA, M; GAGLIETTI, M.; PASQUALOTTI, A. **Envelhecimento humano**: saberes e fazeres. Passo Fundo: UPF, 2006.

PASQUALOTTI, P.; PASSERINO, L. **Critérios de usabilidade e de acessibilidade em software de construção de narrativas colaborativas**. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE TECNOLOGIAS DE APOIO A PORTADORES DE DEFICIÊNCIA (IBERDISCAP), 4., Vitória, 2006. Atas... Vitória: UFES, 2006. p. 20-22.

PASQUALOTTI, P. R.; PASSERINO, L.; BEZ, M. R. **Atelier digital, uma proposta inovadora**: relato de experiência com a terceira idade. Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 1-8, 2006.

PEIXOTO, C. E.; CLAVAIROLLE, F. **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, H. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. **As muitas facetas da alfabetização**. In: alfabetização e letramento. São Paulo: Contextos, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social**: a exclusão digital em debate. São Paulo: Senac, 2006.

WELLMAN, B. **The rise (and possible fall) of networked individualism**. In: KEEBLE, L. (Ed.). Community networks online. London: Taylor & Francis, 2001a. Disponível em: <http://insna.org/PDF/Connections/v24/2001_I-3-4.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

WENGER, E. **Communities of practice: learning, meaning and identity**. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1998.